

DE HOJE EU NÃO PASSO

OF TODAY I DON'T PASS

Claudia de Medeiros Lima¹

RESUMO: “De hoje eu não passo” narra a história de um homem com mais de sessenta anos de idade, que anuncia a própria morte todos os dias. É um conto sobre a velhice e suas dores, sobre a solidão e a angústia de conviver com a proximidade do fim. Em um cotidiano marcado pela ocupação dos demais familiares, o velho denuncia a invisibilidade da terceira idade. A única coisa que ele deseja é ser ouvido por alguém. Anseia contar sobre seu passado, suas experiências, mas a família demonstra estar acostumada com suas lamúrias, não dando mais importância à sua fala. O conto indica, também, que a velhice ocupa lugar central na vida do sujeito, a ponto de roubar-lhe os outros papéis sociais. Esse fato é ilustrado, sobretudo, quando a narrativa faz opção por utilizar o termo “velho” para se referir ao personagem principal, que só passa a ser chamado pelo próprio nome quando, enfim, consegue ser ouvido por alguém. Somente após este episódio, Carlos sorri descansado.

ABSTRACT: “I don't pass from today” tells the story of a man over sixty years old, who announces his own death every day. It is a tale about old age and its pains, about the loneliness and anguish of living with the end. In a daily life marked by the occupation of other family members, the old man denounces the invisibility of the third age. The only thing he wants is to be heard by someone. He longs to tell about his past, his experiences, but the family demonstrates that they are used to his complaints, not giving more importance to his speech. The tale also indicates that old age occupies a central place in the subject's life, to the point of robbing him of other social roles. This fact is illustrated, above all, when the narrative chooses to use the term “old man” to refer to the main character, who only starts to be called by his own name when, at last, he can be heard by someone. Only after this episode, Carlos smiles at ease.

¹ Professora do Instituto Federal da Bahia. Doutoranda em Educação (UFS). Mestra em Educação (UFS) Pedagoga (UFBA/ Salvador-BA).

Acordou cedo, às 6 horas da manhã, como de costume. Desde que entrara na casa dos sessenta não se despertava após esse horário. Velho acorda cedo, já dizia sua finada mãe.

— Que Deus a tenha! — pensa alto.

Assim como todos os outros dias, levantou-se, tomou banho e fez o mesmo desjejum matinal. Café preto em uma caneca antiga de esmalte azul, um pão francês com manteiga. Sabia que a manteiga já fora proibida pelo médico.

— Aumenta o colesterol. — disse o doutor.

— Às favas. Quem consegue comer o pão de cada dia a seco? A manteiga é o que falta para o velho engolir e não morrer engasgado. Porque velho costuma morrer de engasgo, sabia? — resmungou.

Vivia no quarto dos fundos, desde que se separou da esposa. Há 40 anos morava no mesmo cafofo apertado, mas achava bom.

— O que deseja mais um velho aposentado, senão um teto sobre a cabeça, comida na mesa e todos os remédios sobre a mesinha de cabeceira? Sim, os remédios são os melhores companheiros quando seu corpo não mais responde ao que a cabeça manda. — reflete.

Fazia tempo ele se queixava de não enxergar direito. Os óculos pareciam não mais resolver o problema. Já tinha realizado a cirurgia de catarata e, nada. Assim como todos os outros dias ele reclamava:

— Não estou enxergando nada.

Aliás, enxergar é uma palavra curiosa, indica que não adianta ver se você não conseguir enxergar. Mas de qualquer forma, o velho se lamentava da visão embaçada. Pensava consigo:

— De hoje não passo! Estou sentindo ... — interrompe a si próprio quando avista o primeiro familiar de pé. Precisa contar que está prenunciando a própria morte.

Chega o sobrinho, sujeito calado, introspectivo, dotado de extraordinária tranquilidade. Nem que o velho tivesse um ataque epiléptico na frente dele, conseguiria tirá-lo da inércia cotidiana. Não importava, ele precisava desabafar naquele instante:

— Tio, de hoje eu não passo. — anuncia o velho.

Sem mover os olhos fixos no aparelho celular, o sobrinho ouviu e nada respondeu. Querendo chamar a atenção, o velho abaixou para pegar algo no chão. Curvou-se por etapas, primeiro a intenção, depois buscou apoio para os braços na parede, inclinou a dolorida cervical para a frente e, com a outra mão, segurou a não menos dolorida lombar. Em meio aos estalos, finalmente, agachou-se e pegou o minúsculo parafuso no chão. Entregou ao sobrinho como algo valioso encontrado por ele.

— Até ontem ele dizia que estava perdendo a visão. Agora encontrou esse pequeno parafuso, que nem um lince seria capaz de achar. — o sobrinho ensaiou comentar, contudo, preferiu não alimentar a conversa.

Não satisfeito, o velho foi atrás de um ouvinte mais atento. Interpelou o cunhado que estava assistindo às notícias na TV.

— Cunhado, de hoje eu não passo, tenho certeza disso. Vim me despedir de você, tchau!

Tendo ouvido somente a despedida final, o cunhado perguntou:

— Vai para onde mesmo?

Pronto, essa foi a deixa para o início da mesma ladainha de sempre. Se o cunhado estivesse mais atento ao início da conversa, não teria caído na cilada. Agora estava obrigado a ouvir a narrativa da morte com riqueza de detalhes.

— De hoje eu não passo. Estou falando com você, acordei pior que ontem!

Disparou a contar sobre as dores, a visão turva, a perna inchada, até os movimentos peristálticos do intestino e a frouxidão da bexiga.

— Estou sentindo frio, é sério! Dizem que a morte traz consigo o danado do frio. — relata o velho.

— Certo, então vou com você também. — alerta o cunhado em tom sarcástico.

— Você não está levando a sério, né? Vocês não estão acreditando. Acordei com um pressentimento terrível hoje. É verdade gente, de hoje eu não passo!

Quase gritando, o velho se retirou chateado por não conseguir convencer outra pessoa e ainda arrancou risos da própria irmã.

— Ninguém escuta gente velha, estou cansado de tudo isso! Mas como de hoje eu não passo, logo, logo acaba.

Perambulava pelo longo quintal, achando que receberia seus últimos raios solares. Tinha certeza de que presenciava a derradeira luz do dia, pelo menos daquele dia. Logo notou a presença da sobrinha, correndo para não se atrasar para o trabalho.

— Tia! — gritou o velho.

A jovem foi sempre a mais compreensiva da família. Ele andou rápido ao encontro dela, parecia ter esquecido de todas as dores pelo corpo, anunciadas a pouco.

— Tia, de hoje eu não passo! Não dormi a noite, amanheci com frio e ... — tenta falar, mas é interrompido pela sobrinha.

— Meu tio, hoje estou muito atrasada. O senhor não vai morrer. Lembra que todos os dias o senhor amanhece com os mesmos problemas? — indaga a jovem.

— Eu sei, mas hoje é diferente, até azia eu estou sentindo. — insiste o velho.

— O senhor já tomou seus remédios hoje? Preciso sair, estou super atrasada.

Sem nem ouvir a resposta dele, ela partiu.

O velho abaixou a cabeça entristecido, notava-se cada vez mais próximo da morte. Sentia-se solitário, mas isso não era novidade. Procurava alguém com quem pudesse conversar sobre a agonia do fim. Em vão. Todos estavam muito ocupados em viver, não davam a mínima para o velho, que anunciava essa partida há, mais ou menos, cinco anos.

Para alegria dele, a campainha da casa tocou. Ele pediu para atender. Caminhou em um ritmo frenético para abrir a porta, sob os olhares atentos dos moradores da casa. Não mancou um único momento, sequer levou a mão às cadeiras ou aos quartos, como ele costumava chamar a coluna lombar.

Era a vizinha. Por força do hábito, ela sempre vinha pedir algo que faltava em sua despensa, dessa vez era açúcar. Bom, não era a pessoa ideal para uma conversa tão íntima, porém ele precisava avisar que estava partindo.

Deve ser por isso que as pessoas idosas sempre conversam muito nas filas dos bancos, supermercados, clínicas médicas. Elas desejam ser ouvidas.

De pronto a vizinha sorriu e perguntou:

— Vai viajar seu Carlos?

Essa foi a primeira vez que ouviu seu nome naquele dia. Ele tinha um nome, ele era uma pessoa. Alguém o chamou pelo próprio nome!

— Não minha filha, você não entendeu. Eu estou dizendo que de hoje eu não passo!
— afirma com veemência.

— Ah... deixa disso, o senhor é um homem forte, não vai morrer tão cedo. — a jovem procura encerrar a conversa mórbida.

— Eu estou lhe avisando, se prepare para ir ao meu velório e, de pronto, começou a narrar sua trajetória de vida. Seu Carlos começou a contar todas as proezas da infância, adolescência, maturidade. Contou sobre as alegrias e tristezas. Relatou sobre alguns feitos incríveis, que ninguém nunca sabia se eram verídicos ou fantasiosos. Coisa natural das próprias reconstruções das lembranças.

Após horas de conversa, ele enfim, falou sobre a terceira idade. Contou sobre as mudanças do corpo, principalmente, das dores. Falou sobre a mente esquecida.

A vizinha prendeu o riso quando ele contou que, certa vez, ficou uma semana sem as dentaduras. Quando já havia desistido de encontrá-las, procurou o protético e na volta da clínica para casa, resolveu abrir a cadeira de praia para se sentar no quintal. E não é que a cadeira sorriu pra ele? Nunca se soube como elas foram parar lá dentro.

Agora mais aliviado, seu Carlos retornou ao quarto. Ele estava feliz porque alguém o ouviu e acreditou que daquele dia, ele não passaria. Começou a arrumar as coisas que deixaria de presente para os familiares. Essa não era a primeira vez que ele agia assim.

Não tinha muita coisa, só umas roupas antigas, um par de chinelos de couro novinhos, que ganhou no último aniversário, poucos móveis, TV no quarto e um perfume importado. Separou cada item e lembrou que nada reservara para o irmão mais velho.

De repente, o próprio irmão entrou no quarto.

— Ele vai perceber que não deixei nada para ele. Já sei! — angustiado, Carlos tenta agir com naturalidade.

— Irmão, vou deixar esses óculos para você. Pode ficar com eles, estão novinhos!

O irmão ri. O que faria com os óculos de grau com uma das pernas emendada com esparadrapo? Sem dar muito crédito, o irmão concordou meneando a cabeça e se retirou. Só tinha ido avisar que o jantar seria servido.

Seu Carlos terminou a janta. Tomou todos os remédios diários. Reclamou do calor, das muriçocas, das dores nas costas e foi descansar. Como todos os outros dias se despediu de todos com o seu: “Boa noite, de hoje eu não passo!”.

O sol voltou a brilhar. Os pássaros cantavam no quintal anunciando um novo dia. O menino introspectivo iniciava sua rotina no celular. A sobrinha, novamente, corria contra o relógio. O cunhado assistia às notícias, enquanto a esposa trafegava entre cozinha e sala no preparo do café da manhã. A mulher estranhou a ausência de Carlos na cozinha. Sempre foi o primeiro a despertar, acordava com as galinhas. Pediu, então, que o menino fosse chamar o tio.

Ele o encontrou sorrindo na cama, dormindo. Não reclamava das dores, da visão ruim, da prisão de ventre. Não reclamava de nada. Aquele seria o primeiro dia que ninguém da casa ouviria mais, “de hoje não passo”!